

O FANTASMA DO DARIÉN

A rota que o mundo decidiu apagar

ENTREVISTA COM HÉCTOR PEREZ | EDITORIAL KIN INSTITUTE



Héctor Pérez no estúdio KIN Institute

Héctor Pérez tem 53 anos e a postura de quem carrega o peso de ter visto demasiado. Cresceu na Cuba castrista, observando, década após década, os seus vizinhos e familiares desaparecerem em barcos improvisados ou em voos sem volta. Os seus pais, fiéis ao regime, imploraram para que ficasse e aproveitasse o privilégio da educação oferecida pelo Estado. Héctor obedeceu durante muito tempo. Formou-se jornalista, tentou documentar a realidade dentro dos limites impostos, mas a asfixia alcançou-o. Partiu

contra a vontade da família. Hoje, é um refugiado a viver no Panamá. De lá, passou os últimos quatro anos (2022-2026) a documentar a artéria mais brutal da migração global: o Estreito de Darién. Nesta entrevista exclusiva ao KIN Institute, Héctor detalha a ascensão e o colapso de uma rota que movimentou mais de 1,2 milhões de pessoas e enriqueceu cartéis e políticos corruptos.

// //

KIN INSTITUTE: Héctor, cresceste sob a promessa da educação e da estabilidade em Cuba, orientado pelos teus pais a ficar. Hoje, aos 53 anos e a viver como refugiado no Panamá, como comparas a qualidade de vida que tens agora com a que deixaste para trás?

HÉCTOR PEREZ: A resposta honesta é que a vida no exílio é um luto permanente. Os meus pais acreditavam no sistema; eles viam a minha educação como um escudo contra o mundo. Mas a educação em Cuba tornou-se uma gaiola de vidro. Aprendes a ver o mundo, mas não podes tocá-lo. Aqui no Panamá, acordo todos os dias com a ansiedade de quem não pertence a lugar nenhum, mas durmo com o alívio de quem pode escrever a verdade sem esperar que a polícia bata à porta. A qualidade de vida não se mede só em calorias ou eletricidade — embora em Cuba falte ambos —, mas no peso do ar que respiras. Eu parti quebrando o coração dos meus pais, mas foi essa rutura que me permitiu estar aqui, na borda do Darién, a documentar a história de milhares que, como eu, decidiram que qualquer inferno é preferível ao inferno de onde vieram.



Infância de Héctor em Cuba

KIN INSTITUTE: Acompanhaste de perto a rota do Darién nos últimos quatro anos, de 2022 até agora, 2026. Os números mudaram drasticamente. Quem são as pessoas que cruzam esta selva?

HÉCTOR PEREZ: O Darién é um espelho das fraturas do mundo. Em 2022, o número explodiu para 250.000 pessoas. Em 2023, vimos o recorde absoluto: 520.000 almas [1]. A grande maioria eram venezuelanos a fugir do colapso chavista, seguidos por equatorianos e haitianos. Mas o Darién globalizou-se. Vi afegãos, chineses, camaroneses. Pessoas que voavam até ao Equador ou Brasil e subiam a pé. O que mais me quebrou foi a mudança demográfica. Antes de 2019, eram homens jovens. Em 2023, cerca de 22% dos que cruzavam eram crianças [2]. Vi mulheres grávidas, bebés de colo, idosos com bengalas. A idade média despencou, e a vulnerabilidade disparou.

"NINGUÉM PARA DE FUGIR DE UMA CASA EM CHAMAS SÓ PORQUE A PORTA DA FRENTE ESTÁ TRANCADA."

KIN INSTITUTE: Como é que eles chegam da Colômbia ao Panamá? Há diferenças entre ir de barco e ir a pé?

HÉCTOR PEREZ: Existem duas lógicas. A maioria chega a Necoclí, na Colômbia. De lá, apanham barcos através do Golfo de Urabá até Acandí ou Capurganá. Esse trajeto de barco custa cerca de 40 dólares [2]. A partir de Acandí, começa a selva a pé, subindo a "Loma de la Muerte". Essa é a rota híbrida. Mas há quem não possa pagar aos guias oficiais e tente rotas mais baratas e infinitamente mais perigosas saindo de Turbo, ou tentando cruzar pelo litoral do Pacífico em barcos clandestinos que muitas vezes afundam ou são intercetados pela Marinha [2]. Na selva, o trajeto leva de 4 a 12 dias. Pelo mar, arriskas o naufrágio; pela selva, arriskas tudo.



Travessia do rio no Darién

KIN INSTITUTE: E quem controla essas rotas? Quem são os "passadores de gente" e o que eles ganham?

HÉCTOR PEREZ: Não te enganes: ninguém cruza o Darién sem pagar pedágio ao Clan del Golfo. Eles são o maior cartel de drogas da Colômbia e controlam cada milímetro do lado colombiano da fronteira. Os coyotes ou guias locais podem até operar de forma independente, mas pagam uma franquia ao Clan [3]. O Ministério da Defesa da Colômbia estimou que o Clan del Golfo lucrava cerca de 125 dólares por migrante. Façam as contas: meio milhão de pessoas em 2023. Estamos a falar de dezenas de milhões de dólares limpos, sem o risco de transportar um grama de cocaína [2]. Pior: eles usam o fluxo de migrantes como "escudo". Barcos com migrantes são enviados nas mesmas rotas marítimas que as lanchas de droga para distrair a guarda costeira [2]. E se a polícia se aproxima, os traficantes simplesmente atiram os migrantes para a água.

KIN INSTITUTE: Mencionaste que o Clan del Golfo usava os migrantes para encobrir o tráfico de drogas. Mas eles também obrigavam os migrantes a carregar drogas ou armas durante a travessia?

HÉCTOR PEREZ: Essa é uma das perguntas mais delicadas, porque a resposta é: sim, mas raramente de forma direta. O Clan não precisa de transformar cada migrante em mula. Eles têm uma operação muito mais sofisticada. O que fazem é usar o volume humano como cortina de fumo. Enquanto centenas de pessoas cruzam a selva, as lanchas rápidas com cocaína navegam paralelas, aproveitando que a guarda costeira está ocupada. No entanto, houve relatos documentados de guias que, no meio da selva, exigiam que os migrantes carregassem volumes adicionais nas suas mochilas, sem explicar o que era. Quem recusava era abandonado ou ameaçado. A linha entre migrante e mula é, neste contexto, deliberadamente apagada.

KIN INSTITUTE: Isso envolve apenas o crime organizado, ou há cumplicidade oficial?

HÉCTOR PEREZ: O Darién funcionou como uma economia de consórcio. A corrupção era endêmica. Líderes municipais colombianos usaram os seus cargos para enriquecer, fornecendo infraestrutura pública para o esquema de contrabando sob pretextos oficiais [3]. Do lado panamenho, nos pontos de apoio como as Estações de Receção Migratória (ERMs) em Lajas Blancas e San Vicente, a exploração continuava. Um prato de arroz e feijão que custaria 2 dólares era vendido por 10. Uma garrafa de água virava ouro. A miséria alheia virou a maior indústria da região.



A selva do Darién

KIN INSTITUTE: Descreveste as filas em Necoclí. Como era aquilo na prática?

HÉCTOR PEREZ: Necoclí era uma cidade que não estava preparada para isso. Uma cidade de 45.000 habitantes que de repente recebia 1.000, 2.000, 3.000 pessoas por dia à espera para embarcar [2]. As filas nos dois cais autorizados estendiam-se por quilómetros. Famílias dormiam no passeio com os seus pertences em mochilas. Crianças choravam de calor. Vendedores ambulantes circulavam com água, comida e chips de telemóvel a preço de ouro. Era ao mesmo tempo uma cena de desespero e de comércio. Os barcos saíam cheios, com coletes salva-vidas que muitas vezes não serviam. E os que não podiam pagar o preço dobrado dos barcos legais tentavam os barcos clandestinos de Totumo, que saíam à noite e não tinham registo de ninguém.

KIN INSTITUTE: E a violência na selva? O que acontece na travessia?

HÉCTOR PEREZ: Assim que os migrantes cruzam a fronteira invisível para o lado panamenho, a "proteção" do Clan del Golfo termina e eles caem nas mãos de bandidos locais independentes. É aí que o inferno começa. A Human Rights Watch documentou que grupos armados emboscam migrantes exigindo 100 dólares por cabeça [2]. Quem não tem, é roubado, espancado ou violentado. A violência sexual é usada como arma de terror e método de extorsão. Em 2023, a Médicos Sem Fronteiras (MSF) atendeu 676 sobreviventes de violência sexual; apenas em outubro daquele ano, foram mais de 100 casos numa única semana [4]. Mulheres, meninas e até homens foram violados à frente das suas famílias.

KIN INSTITUTE: Há uma história real que queiras contar? Alguém que conhecesse nesta rota?

HÉCTOR PEREZ: Há muitas. Mas uma que nunca me abandona é a de Louis Gerard, um haitiano de 38 anos que cruzou com a esposa, a irmã e um filho de 4 anos. Eles vieram do Brasil, onde tinham tentado reconstruir a vida após o terramoto de 2010. Cinco dias de selva. No meio do caminho, seis a oito homens armados emboscaram-nos. Exigiram 100 dólares por pessoa. Revistaram as mochilas, levaram toda a comida e as roupas. O filho de Louis ficou sem comer durante dias [2]. Louis disse-me que o pior não foi o roubo. Foi olhar para o rosto do filho e não ter nada para lhe dar. Eles chegaram ao Panamá. Não sei onde estão agora. Provavelmente num limbo legal em algum país da América Central que não os quer.

"O PIOR NÃO FOI O ROUBO. FOI OLHAR PARA O ROSTO DO FILHO E NÃO TER NADA PARA LHE DAR."

KIN INSTITUTE: As ONGs tentaram ajudar. Quais resistiram, especialmente após os cortes de financiamento?

HÉCTOR PEREZ: As ONGs foram os únicos paraquedas desta queda livre. A Médicos Sem Fronteiras (MSF), a Cruz Vermelha, a HIAS e o ACNUR operaram no limite. Mas o preço foi alto. Em março de 2024, o governo panamenho suspendeu temporariamente as operações da MSF após a ONG denunciar publicamente o aumento exponencial das violações [4]. Depois, com os cortes brutais no financiamento humanitário internacional em 2025, a rede de proteção desmoronou. O ACNUR reportou que as necessidades explodiram enquanto os fundos secaram [5].

KIN INSTITUTE: Isso traz-nos a 2025 e 2026. As fronteiras físicas começaram a ser fechadas. Qual foi o impacto das cercas na selva?

HÉCTOR PEREZ: Foi um estrangulamento deliberado. Em 2024, o novo presidente panamenho prometeu fechar o Darién. Com apoio e pressão dos EUA, instalaram cercas de arame farpado em passagens chave da selva para afunilar os migrantes para rotas controladas [6]. O resultado estatístico foi imediato: no primeiro trimestre de 2025, os cruzamentos caíram 98% [7]. Em maio e junho de 2025, o DHS americano celebrou que apenas um punhado de pessoas conseguiu cruzar [8]. Mas cercas na selva não param o desespero, apenas o desviam ou o matam de forma invisível.

KIN INSTITUTE: E o que aconteceu à economia local que vivia desta migração?

HÉCTOR PEREZ: A economia local colapsou da noite para o dia. Lajas Blancas, que era um formigueiro humano a vender comida, chips de telemóvel e roupas, virou uma cidade fantasma [9]. Falei com um lanchero chamado Olea, em Villa Caleta. No auge, ele ganhava 300 dólares por dia a transportar migrantes; instalou painéis solares e elevou a sua casa. Hoje, o barco dele apodrece a seco e ele voltou a plantar bananas, ganhando centavos [9]. A corrida do ouro acabou. É a tragédia irónica de lucrar com o êxodo.

KIN INSTITUTE: E o que pensas sobre o papel das redes sociais nesta história? Como o TikTok e o Facebook influenciaram os fluxos migratórios?

HÉCTOR PEREZ: As redes sociais foram o maior recrutador de migrantes do Darién. O ACNUR revelou que, em 2023, 35% dos migrantes aprenderam sobre a rota pelo TikTok e 29% pelo Facebook [2]. Os contrabandistas usavam estas plataformas para postar vídeos glamourizados da travessia, omitindo os mortos, as violações e os roubos. Mostravam famílias a chegar ao outro lado, a sorrir, como se tivesse sido um passeio no parque. Era marketing de morte. E as plataformas não fizeram nada para parar isso. Enquanto o TikTok lucrava com as visualizações, as crianças afogavam-se nos rios do Darién.

KIN INSTITUTE: Para encerrar, Héctor. Se o Darién está fechado e bloqueado, o que estão a fazer os migrantes agora? Eles pararam de fugir?

HÉCTOR PEREZ: Ninguém para de fugir de uma casa em chamas só porque a porta da frente está trancada. O que vemos agora em 2026 é o efeito represa. Há um "fluxo reverso" trágico de venezuelanos a tentar voltar, descobrindo que o retorno é tão mortal quanto a ida [9]. Outros estão a optar por rotas marítimas muito mais perigosas pelo Caribe ou pelo Pacífico, contornando o Panamá inteiramente, onde naufrágios não são registados. O Darién era um inferno, mas era um inferno mapeado. O que os governos fizeram não foi resolver a crise; eles apenas empurraram a morte para lugares onde os satélites e os jornalistas não conseguem ver.

O KIN Institute trabalha para fornecer rotas seguras, informação verificada e redes de apoio para migrantes em todo o mundo. Se precisas de ajuda ou queres informar-te sobre rotas e direitos, visita kin.institute.

REFERÊNCIAS

- [1] The New Humanitarian. "The Darien Gap migration crisis in six graphs, and one map". Janeiro de 2024.
- [2] Human Rights Watch. "This Hell Was My Only Option: Abuses Against Migrants and Asylum Seekers Pushed to Cross the Darien Gap". Novembro de 2023.
- [3] Global Anticorruption Blog. "A Necessary Evil? The Migrant Crisis and Corruption in the Darien Gap". Janeiro de 2024.
- [4] The New Humanitarian. "Anger as Panama stops MSF working in Darien Gap amid sexual violence spat". Março de 2024.
- [5] UNHCR. "Despite funding cuts, UNHCR responded to multiple complex emergencies". Janeiro de 2026.
- [6] The Guardian. "Panama's presidential frontrunner vows to close Darien Gap". Abril de 2024.
- [7] OHCHR. "Monitoring in motion for migrants in the Darien Gap". Maio de 2025.
- [8] U.S. Department of Homeland Security (DHS). "Migrant Crossings at the Darien Gap Continue to Plummet". Julho de 2025.
- [9] Associated Press (AP News). "Darien Gap: A migration surge was like a gold mine for Panamanian communities. Now it's gone". Abril de 2025.